

O PAÇA JA

JORNAL LITTERARIO, RECREATIVO E NOTICIOSO.

REDACTOR -- JUVITA DUARTE SILVA.

ANNO I.

DOMINGO 10 DE AGOSTO DE 1862.

N. 14.

A ESPIA

OU

O SEGREDO DOS CARBONARIOS.

POR

FREDERIC SOULLIÉ

(Continuação)

Huma celebre cantora italiana acabava de ser contractada para a grande opera de Londres; seu director, que de proposito por ella fizera a viagem a Napoles, a acompanhava, e chegavão a Paris, onde devião passar alguns dias. Apenas se espalhou a noticia desta chegada, que foi hum concurso de visitas e convites para a PRIMA DONA. O director fez obstinadamente recusar todos os convites, zeloso de sua conquista, e certo que a maior parte dessas cortezias só tinhão por fim organizar huma reunião de contradanças, onde por acaso se achasse hum piano, e por acaso ainda o melhor acompanhador de Paris; depois, ao lado do piano, as peças do repertorio inteiro da cantora, e por fim os mais distinctos amadores que deixarião escapar hum pezar; depois mostrado hum desejo, em pouco se formaria hum voto; hum momento depois seria huma supplica primeiro de hum importuno, depois de hum grande, senhor; depois senhoras que implorão, hum grande artista que se põe de joelhos, huma companhia inteira que applaude; e a cantora seduzida, arrastada, faz ouvir a huma multidão de ociosos huma voz que custa 100,000 francos ao seu director: ora o director tinha exactamente inserido no contracto que a SIGNORA só cantaria em Londres, apesar de qualquer pretexto que alias houvesse.

Comtudo, como esta palavra excepção se introduz precisamente, donde parece que precisamente a quizerão desterrar, aconteceu que a SIGNORA teve de fazer visitas em Paris a amigos da infancia, recebeu hum pedido de jantar com elles, e seria barbaridade recusar. Pobres refugiados italianos, aposentados no alto de Belleville, vivendo dos soccorros do governo francez e de seus compatriotas, poderião tomar huma repulsa por hum despreso.

—Vós cantareis, SIGNORA, dizia o director.

—Não ha piano nem harpa em casa desta pobre gente, dizia a cantora.

—Cahirá do sobrecéo da cama; desenterrarão alguma velha espinheta, alguma viola esquecida nas aguas furtadas, que sei eu? Cantareis diante de duzentas pessoas, e fica a minha conquista deflorada.

—Bravo! bravo! diz a cantora rindo-se as galhadas; duzentas pessoas em hum aposento de 100 escudos, com hum salão de dez pés quadrado, e huma alcova do tamanho da palma da mão.

—O salão só tem dez pés? disse o director com ar de bonhomia.

—E ha só seis cadeiras para assentos, disse a cantora.

—Nesse caso, disse o director, depois de madura hesitação, não creio que haja grande perigo; não quero tambem embaraçar-vos de ver os vossos amigos. Ide, mas estou certo que cantareis.

E a cantora, rindo-se com delicias do medo do honrado director, pôz-se a cantar, semeando flos, fugas e volatas, que encantarão o prudente emprehendedor, que se apressou em ir fechar a janella, totalmente meia aberta, para prevenir, não hum defluxo, que haveria tempo de curar antes da primeira representação, mas para embaraçar que algum visinho indiscreto podesse ufanar-se de ter ouvido huma só nota dessa voz que lhe custava 100,000 francos.

Alguns dias antes deste jantar singular, o pobre italiano, que tinha obtido o que fôra recusado aos maiores nomes da França, julgou ter achado a unica occasião de agradecer a Faviani os seus beneficios: veio dar-lhe parte da sua boa fortuna, e pedir-lhe que passasse a noite em sua casa. Faviani aceitou, tanto para dar prazer a este homem honrado, como para ver a sua celebre compatriota, e tudo ficou arranjado.

Nesse dia sir Henri, e alguns amigos de Faviani estavam em casa deste, e travou-se a conversação, sobre a desesperação em que estava toda a companhia DILETANTE, por ver assim passar a bella cantora sem recolher huma só de suas suaves intonações. Faviani se ufanou, rindo-se, de ser mais feliz que Paris inteiro; os visitadores, surpreendidos, quizerão saber o que queria dizer huma semelhante presumpção; a reserva foi extrema de huma parte, a curiosidade ardente de outra. Por fim o marquez, depois de deixar esgotar todas as supposições; depois que se pesou maduramente a influencia politica ou artistica de todas as notabilidades de Paris, para adivinhar a que tinha obtido um tão alto favor, o marquez, dizemos, confessou francamente a historia do pobre italiano.

—Oh! exclamou sir Henri, he huma fabula; hum pobre italiano que se chama dizeis vós?

—***

O marquez disse esse nome: Paris todo o soube dous dias; Paris e eu o esquecemos.

—Hum homem que mora no alto de Belleville, não he?

—No alto de Belleville, respondeu Faviani.

—He impossivel, disse sir Henri, he huma má graça.

E sem esperar resposta, sahio no mesmo instante. Meia hora depois estava em casa da condessa de Palla; meia hora depois em casa da duqueza de D...; e, á noite, dez salões sabião a historia do pobre italiano; e no dia seguinte, á hora em que nos outros dias as rainhas de todos esses salões ainda nem se lembravão se o sol tinha nascido, vinte equipagens seguião a rua de Belleville e paravão á

porta do pobre refugiado. Foi hum aturdimento inimaginavel para este homem a affluencia de tantos grandes nomes que o enchião de cortezias, e que todos acabavão a sua graciosa visita por hum pedido de convite. Bem comprehendeu elle o motivo, teve desejos de recusar, mas deixou-se levar pelo pequeno orgulho de obsequiar tanta gente das altas classes; e só hum pedido rejeitou com desprezo, foi o de hum gordo corretor, que teve a impudencia financeira de lhe offerecer dinheiro.

—O famoso dia chegou. Ninguem poderia contar-nos o direito de fazer aqui hum quadro grotesco desta singular assembléa; mas, para estas pinturas he preciso huma mão leviana e inexoravel, e não he isso de nossa natureza; por isso não procuraremos mostrar todas estas senhoras cheias de diamante sobre suas cadeiras de palha, pedidas a toda a vizinhança, as quatro vélas que alumiavão a reunião, em castiças de cobre com as suas assucenas de papel. Seria hum quadro inteiro a entrada de cada convidado, gravemente recebido pelo **SIGNOR ***** e **LA SUA SPOSA**, não achando onde sentar-se, muito feliz por se perder no intervallo de huma janella, ou na abertura de huma porta, em quanto alguma nobre dama, depois de ter olhado muito em roda de si, acabava por sentar-se em metade de huma cadeira de palha que huma amiga compassiva se dignava offerecer-lhe. Fei a principio hum embaraço singular, depois hum riso mal comprimido a cada recém-chegado, depois huma alegria louca, até que por fim as mangas gigantescas, tendo sido condemnadas ao mais completo achatamento, as flores e penas dos altos toucados aos mais desastrosos encontros, e tudo ao maior aperto, a companhia se achou convenientemente empilhada no salão de dez pés.

Não temos que contar os triumphos da **PRIMA DONA**, os delirios dos ouvintes, os transportes dos **DILETANTI**, e os inauditos arrebatamentos de sua furiosa admiração. Foi, como em hum salão dourado, a comedia tão conhecida de todas as partidas musicas, representada em seu mais alto ponto de exaltação por desesperados, entre os quaes se achão patetas que suppeem sentir o que exprimem. Digamos somente que á meia noite tudo estava farto de musica, admiração e calor, e cuidou-se na retirada. Os amigos dos refugiados não quizerão augmentar a confusão da sahida, e ficarão para o fim conversando em pé; em pouco só restavão no modesto salão o marquez, sua mulher, a condessa e sir Henri. Reparou-se nisto, e quizerão retirar-se; mas, com grande surpresa de Faviani, havia á porta da entrada só o criado da condessa, com o capote de pelles desta, e o imperceptivel paguem de sir Henri que, com a sobrecasaca de seu amo no hombro, dobrada pelo meio, tinha grande difficuldade em embaraçar que a gola e as abas chegassem ao chão. Faviani indagou: a carruagem que o trouxera tinha partido, havia muito, e não havia esperanças de achar outra áquella hora. Hum embaraço penoso se pintou no rosto de todos, e o mal avisado italiano julgando arranjar tudo do melhor modo, disse —Mas a senhora condessa levará com prazer o senhor marquez....

Não, disse duramente Faviani, he inutil.... seria muita indiscrição.... a noite não está adiantada....

—Estais louco! exclamou sir Henri; faz hum vento do inferno, e cahe huma chuva de gelo; bom será se eu não ficar enregelado no meu miseravel **CABRIOLET**, depois do calor que aqui apanhámos

he morrer. Ha hum arranjo mui simples: que a senhora condessa se encarregue da senhora marquez, e eu vós conduzirei a vós.

—Não posso.... me affligiria se desarranjasse a senhora, disse Faviani muito embaraçado.

A condessa tinha em todo este tempo conservado completo silencio. Sir Henri levantava os hombros, e Fiavilla não ousava fallar. Derepente o rosto da Octavia, serio até então, mudou de expressão; embrulhou-se com vivacidade no seu capote e disse a sir Henri rindo-se:—Estais esta noite de huma simplicidade completa. Ha hum arranjo mui simples, e de que não falais: levai-me no vosso cabriolet, e a minha carruagem ficará á disposição da senhora marquez.

Faviani, surprehendido desta proposta, quiz desculpar-se, quando a condessa accressentou rindo-se:—Deixai, deixai, senhor marquez, he hum serviço que faço a sir Henri, ao menos assim o espero, e estou certa que o seu agradecimento m'o pagará por mais do que vale.

O marquez quiz absolutamente recusar, a condessa ficou, mui seria.

—Sr. marquez, lhe disse ella, não sei se desejais que acredite no que, dizem, dizeis a meu respeito: lembrai-vos que huma repulsa seria para mim huma prova.

Faviani, tão precisamente posto entre huma injuria grosseira a fazer a huma mulher, e um leve serviço a receber, talvez hesitaria ainda se Fiavilla, que ao menos achava singulares as prevenções de seu marido, não se apressasse em dizer:

—Aceitamos, senhora, aceitamos....

Apenas estas palavras forão ditas, que a condessa desceu rapidamente com sir Henri. Faviani entrou na sua carruagem quasi triste, e vivamente contrariado do obsequio que contrahia para com a marquez.

Dous dias depois, sir Henri chegou á casa de Faviani com ar de cuidado: vinha pedir noticia de Fiavilla, e fez saber ao marquez que a condessa, surprehendida pelo frio ao tornar de Belleville, estava gravemente indisposta. Esta nova apressou a visita que Faviani contava fazer a Octavia para lhe agradecer o seu favor. Esperou que a doenca da condessa o embaraçaria de ser recebido. Nesse mesmo dia se apresentou em casa della: seu **DESAMPONTAMENTO** foi grande quando se lhe fez saber que a senhora de Palla era visivel; era impossivel recusar: fez-se annunciar.

(Continua)

O Esmoler.

O Homem, creado por Deos à sua semelhança, não pode deixar de ter parte em sua essencia.

Um sentimento occulto existe no ser humano; suas influencias se conhecem por isso que as sentimos; mas elle occulto se fas sentir, para que em balde o procuremos.

Este sentimento pois, é a parte que possuímos de Deos; não o comprehendemos, mas o acreditamos, bem como a Deos, não o percebendo. Elle porem não sempre existe! Ha circumstancias em que desaparece, e por dous modos: desaparece por não ser humano; porque é uma parte do Creador e não é da creatura.

Nas letras se abalisa um homem: impressos seos

escriptos, sua leitura nos encanta, nos arranca louvores. Se elle dá-se á conhecer; se o conhecemos, nosso enthusiasmo esfria, e como que já não é o mesmo escriptor que era.

O Esmoler, que da noite protegido, despreza seu pobre leito e em busca da humanidade soffredora, lhe entrega com mão occulta o pão da caridade e algum dinheiro; não sente este praser interior, que é o praser da alma; não sente as influencias desse sentimento emanado de Deos á creatura, se, illudidas suas precauções, seu protegido o descobre.

Oh! o Esmoler é sublime!

Seu pensamento voltado ao Creador, não ve na terra, mais que um carcere emparedado por dores, e não sua patria. Isto lhe attesta a consciencia, e sua alma affirma, que no Céu ella existe.

Oh! o Esmoler é sublime!

Occupado em seccar as lagrimas amargas do infortunio, seu nome é bendito entre os infelizes: sua missão é divina; elle imita o Creador.

Concentrado em sua habitação, busca ganhar com licito esforço, para suprir sua numerosa familia; a familia da pobreza. Qual santelmo apparece e faz bem; e se o chegão a ver, é mais sua sombra; que elle.

E elle é bemdito!

Em sua triste oração, o mendigo, o infortunado o recommenda a Deos.

E elle é feliz!

Um não sei que de inexprimivel, esse sentimento, de que fallo, e ao qual chamarei DIVINO, benéfico o affaga; pelo praser que sente conhece do bem, que fez.

Quasi sempre, os homens, o escarnecem e riem, sentem que, como elles, não appareça em nitidos salões, em folgar continuo. Sim, elles sentem que o homem de fortuna, e que na piedade a gasta não se ligue a elles para orgulhosos calcarem seos irmãos desgraçados. Insensatos!.. pensão que este mundo é tudo!.. Em seos loucos orgulhos e doudas ambições, vida e fortuna com praser consomem, e se o mendigo abatido, a supplice e descarnada mão lhe estende, um riso ou um insulto recebe por esmola.

Ai dos ricos que ultrajando a pobreza se deslembraão, que em seu tugurio é sempre Deos; que em seos andrajos quiz nascer! E julgão infeliz o esmolero... elles!.. que em busca da ventura nem dormindo encontrão a felicidade.

Não assim o Esmoler. Recolhendo-se de faser bem, consulta sua consciencia.... placida o affaga.... ora á Deos.... elle o consola.... deita-se.. tranquillo dorme!

Mas sua vida é contingente; é necessario morrer. Enfermo... gostoso suporta as dores; cumprida está sua missão: a hora derradeira sóa... sorri quieto e a Deos entrega o espirito:

Um dia passa!.. trez a poz este! Nos albergues da indigencia não apparece a mão que a minora.

Embalde a esperão!. Falta-lhe o pão... a fome aperta... os miseros olhão para o Céu!

Uma hora inda.... mais outra... e seu protector não vem. Chora então a pobreza e se lamenta; e porque chora! ?..

MORREU O ESMOLER.

F. P. da Cunha.

Chronica.

Dizem os inglezes que o tempo é ouro. Na falta em que nos achamos desse metal rei do mundo, sem o qual é nullo o homem na sociedade, loucura fora desperdiçar um instante. E pois, que não queremos ser uma nulidade, não gastaremos em divagações o tempo que valle ouro, e passaremos correndo nossa revista á quinzena.

Torceis o nariz, leitor?--

Tendes sobejas provas de que são sempre imperfeitos serviços feitos á pressa.

--Trapalhada, trapalhada é o que dá a tal economia de tempo. Maldito chronista que tal systema adopta! direis talvez no cumulo de vosso enfado.

Sois excessivamente injustos. Supondes, talvez, que somos como os correios, que levão tudo á matroca, e andão sempre atrasados por serem apressados demais e os tormentos que lhe dais, preparais tambem para nós: ralhos queixumes, clamores, *sóvorios* de mestre?

Dissuadi-vos disso. Vou provar-vos como sou capaz de dar-vos sem extravio, ou esquecimento de um só, toda a carga de acontecimentos que me poz sobre os hombros a espirante quinzena.

Vereis que tão lerdo não sou, nem tão desageitado, que me deixe cahir no vosso desagrado ficando atrapalhado atraz dos atrasados. Urge o tempo: mãos á obra.

Aprimeira e maior de todas as novidades, é que reina entre nós uma epidemia terrivel, que ameaça reduzir-nos ao mais deploravel estado.

E' um mal que os Esculapios não curão, e do qual se queixa o mundo inteiro.--E' a falta de dinheiro.

O enfermo que mais risco corre, e no qual já se tornou chronico o mal é a respeitavel matrona, thesoureira da irmandade de Santa Catharina,

Receio muito do seu estado. Coitada! por cumulo de males até está privada de luz, e terá de andar ás tontas, aos trambulhões na escuridão!

Se lhe não valer a misericordia do Padre Eterno, nunca mais se desprendará

das garras terriveis da fatal molestia.

E' bem digna de lastima.

Tão acariciada nos tempos felizes da sua grandeza, hoje vive amaldiçoada por todos ! Pobre mãe ! secou-se-lhe o leite: mal dizem-na. -Terriveis filhos! os filhos

Se não depararmos com um especifico para semelhante enfermidade, bem cedo pereceremos todos.

Estabeleceu-se uma nova sociedade dramatica denominada *Juvenil Catharinense*, que dará suas recitas no theatro de S. Pedro.

E' uma reunião de jovens amadores da arte, que muito promete.

Mancebos intelligentes e dotados de vontade forte tudo farão para merecer a protecção do publico.

E' nos sempre grato a registrar estes factos, que patenteião as nobres tendencias da mocidade que é a expressão mais legitima de futuro.

Sob os melhores auspicios a caba de ser fundada uma nova sociedade de dança denominada *União*.

A que já tinhamos o *Paraiso* continua ainda, e dá esperanças de engrandecimento futuro.

Estamos em maré de sociedades. Ainda bem que parece ir desenvolvendo-se entre nós o espirito de associação.

Domingo, 3 de Agosto, deu seu primeiro espectáculo no theatro de São Pedro o distincto prestidigitador maltez Agostinho Abella.

Quinta-feira houve outro. A todos tem concorrido grande numero de pessoas que se retiram sempre saptisfeitos e rendendo ao artista os maiores elogios.

Consta-nos que brevemente haverá um espectáculo generosamente dado pelo distincto prestidigitador a beneficio do imperial hospital da caridade.

Se assim é aceite desde já o Snr. Abella, as expressões de nossa gratidão.

Tem sido celebradas na igreja da veneravel Ordem Terceira novenas a Nosso Bem Jezus.

Grande numero de pessoas tem concorrido a ellas como é de costume.

Hoje celebra-se a festa, e prega ao Evangelho o insigne orador sagrado o Snr. Padre Paiva. A' noite haverá *Te-Deum*, e pregará o talentoso e já muito distincto Snr. Padre Cunha.

No Rio de Janeiro o *Gremio Litterario* deu no dia 5 de Julho um sarão artistico e litterario, a que concorrerão perto de duzentas pessoas de todas as classes.

Noticiando este facto que tanto abona o progresso da litteratura entre nós, exprime-se assim o chronista da *Saudade* a respeito do distincto catharinense o Snr. Dr. Luiz Delfino:

« O Snr. Dr. Luiz Delfino confirmou a ideia grandiosa, que de longe faziamos do seu talento, recitando um trecho das suas magnificas poesias, por cuja publicação anciosos esperam os amadores de litteratura. Era a imaginação rica de creações de Vitor Hugo, inspirando-se de todas as grandezas desta terra, e annunciando os hymnos do porvir, que os poetas brasileiros hão de mandar mais tarde á Europa, como imagem da natureza que os cerca. »

Boa-noite.

POESIA.

ENLEVO.

Donzella, anjo d'amor, minh'alma é tua
E'teu meu coração, meus pensamentos,
De meu peito es rainha, n'elle habitas.
Só por ti amo a vida e seus tormentos.

Es bella como o riso da innocencia
Como a rosea manhã, es terna, és linda,
Ai ! eu quisera junto a ti agora
Gosar dilicias de pureza infinda.

Quisera a sos contigo ver teus olhos
Teus labios n'um surrir falar d'amor...
E depois... um só beijo, um só pedir-te,
E morrer de ventura e de langor.

Oh ! quanto fora doce assim a morte
A morte da ventura no regaço,
Oh ! se assim fosse, se os cançados dias
Acabasse junto a ti em doce abraço ;

Então seria inteira a felicidade
Que Deus me deu, Zizina em teu amor
E eu morreria abençoando a vida
Abençoando a morte, sem pesar, sem dor.

Desterro 6 de Agosto 62.

Tavijá